

***Sena & Sophia: centenários.***  
**Organização: Gilda Santos, Luci Ruas,**  
**Teresa Cristina Cerdeira. 1ª ed.**

**Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.**

Mônica Genelhu Fagundes

Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Polo de Pesquisas Luso-Brasileiras (PPLB)

**DOI**

<https://doi.org/10.37508/rcl.2021.n45a452>

*Sena & Sophia: centenários* é um livro de encontros: esta é sua razão e seu mote, sua performance e sua conquista, sua memória e seu porvir. Organizado por Gilda Santos, Luci Ruas e Teresa Cristina Cerdeira, e editado pela Bazar do Tempo, de Ana Cecília Impellizieri Martins, o volume celebra encontros – na dupla acepção de festejar e officiar – que são figurados em seu cuidadoso e inspirado projeto gráfico, e na organização saborosa do volume (idealizado por Gilda Santos), e consumados nos ensaios que o compõem, debruçados sobre as escrituras que o motivam.

Um grande “S” negro sobre fundo branco é a insígnia que sela já na capa a parceria primeira de que aí se trata: os escritores (Jorge de Sena e Sophia (de Melo Breyner Andresen), companheiros de letras, no plural das coincidências felizes. Esse “S” se abstrai numa fita de

Moebius que une, em conversa infinita, os nomes dos poetas (seguidos de dois pontos a prometer muitos diálogos) às suas imagens – em fotografias de Fernando Lemos – na lombada: um Sena de olhos bem abertos, testemunhais e inquisitivos, tais quais se apresentam tantos de seus versos, e mãos curvadas em primeiro plano, como a trabalhar “apreendendo o que escrev(em)”; uma Sophia a sorrir sob a luz, com um olhar que se adivinha de soslaio, lúcida esfinge de sobancelha arqueada em alerta: “[...] por mais bela que seja / cada coisa tem um monstro em si suspenso”. O preto & branco se estende à contracapa, que em negativo fotográfico revela a feitura do livro: o trabalho da crítica, esse estudo do avesso, e traz, em branco sobre negro, os nomes dos quarenta especialistas que escrevem sobre Sena e Sophia, comemorando os centenários.

O chiaroscuro continua as correspondências nas orelhas (“que ouçam”, diz um poema de Sena sobre Van Gogh, e estas ouvem e falam). Trazem José Saramago num reconhecimento da grandeza de Sena e de Sophia, e poemas de um e de outra, iniciando o diálogo que se desdobra nas páginas assim tão bem acolhidas. São versos de dicção muito própria, mas que se encontram no compromisso com a história e no desejo inalienável de ser livre: “não hei de morrer sem saber / qual a cor da liberdade.” é o juramento de Sena; “Tenho fome e sede de horizontes frios.” confessa Sophia, em cumplicidade. E um vermelho que se insinuava discreto nos dois pontos da capa e nos títulos dos poemas das orelhas implode nas guardas, anunciando a força das obras relidas nesse livro, e sua paixão.

Nestes dias em que vamos aprendendo com grande custo o valor dos encontros, Sena e Sophia nos ensinam que para aqueles que compartilham a dedicação à literatura, uma aguda consciência histórica e o ideal de um mundo justo, as distâncias e dificuldades impostas pelo tempo dividido são transponíveis com palavras. E aquelas palavras que eles deixaram em seus poemas, contos e ensaios, que trocaram em suas cartas, cruzando oceano, censura e exílio, seguem

resistindo e ressoando neste livro. Aqui se lê a sua criação de uma linguagem e de um imaginário próprios, de projetos estéticos que, no caso de ambos, não se podem desvincular de uma ética, e se constroem em diálogo com outras vozes, com outras artes e linguagens, com homens das letras e das artes, da sua e de outras culturas. Sena e Sophia: poetas portugueses que liam e eram lidos por poetas brasileiros; relidos agora, em outra clave, por estudiosos da América e da Europa. Esses leitores dos dois lados do Atlântico dão aqui testemunho, em forma de ensaio crítico, de seus encontros com essas obras. São convívios antigos, de investigadores experimentados, muitos com seus nomes incontornavelmente vinculados a um dos escritores, ou a ambos; são amores recentes, há pouco descobertos mas não por isso menos intensos e profícuos, de jovens pesquisadores que vão renovando os olhares sobre Sena e Sophia. O livro acolhe esse confluir de gerações promovido pelo encontro – mais um, e como poderia não ser? – que lhe deu origem: o Congresso Internacional “Sena & Sophia: centenários”, realizado pelo Real Gabinete Português de Leitura e pela Cátedra Jorge de Sena, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). A última folha do volume traz uma reprodução do cartaz do congresso, confirmando-o como memória e inscrição daqueles dias de setembro de 2019, e garantia de que todo o saber partilhado então alcançará a muitos que não puderam estar presentes às sessões, leitores de Sena e Sophia de agora e do futuro. Publicado o livro, quantos novos encontros não produzirá?

Os convites são muitos, e tentadores. Desde a apresentação do volume, por Teresa Cerdeira, que, fazendo conversarem poemas de Sena e de Sophia, vai contando sobre o tempo dos poetas e sua amizade, um existir contemporâneo autenticamente convivido, que dá sentido aos centenários comemorados em parceria. Uma certa ideia de consórcio – poético, mas não só – ecoada pelo belo texto-átrio de Luis Filipe Castro Mendes: “diálogo, dueto ou cantata a duas vozes”, como o descreve o próprio autor, reconhecendo a

um tempo a harmonia possível, mas sem risco de abafamento das singularidades de uma ou outra voz. E efetivamente, na sequência do volume, primeiro Sena e depois Sophia têm cada um o seu espaço, demarcado com justeza.

Sobre Sena, o “capitão de tempestades” segundo a amiga Sophia, escrevem, contemplando aspectos muito diversos de sua obra poética, ficcional, ensaística, e também de seu pensamento sobre a história e a cultura, Annie Gisele Fernandes, António Pedro Pita, Horácio Costa, Ida Alves, Inês Espada Vieira, José Cândido de Oliveira Martins, Joana Meirim, Jorge Vaz de Carvalho, Lucas Laurentino de Oliveira, Luciana Salles, Luis Maffei, Marcelo Pacheco Soares, Margarida Braga Neves, Ruy Vieira Nery, Sabrina Sedlmayer e Silvio Renato Jorge. Mas é à própria Sophia que cabe o primeiro comentário sobre a obra de Sena: inscrito no poema que abre a seção como aquele que nos fez conhecer com mais realidade e exatidão “A vida de Camões”.

Sobre o universo literário de Sophia – sua poesia, seus contos para adultos e crianças, sua paisagem “no esplendor da maresia”, em que a reconhece o amigo Jorge de Sena, escrevem Ângela Beatriz de Carvalho Faria, Angela Maria Rodrigues Laguardia, Carlos Mendes de Sousa, Carolina Anglada, Constance von Krüger, Eucanaã Ferraz, Federico Bertolazzi, Luci Ruas, Maria Elizabeth Graça de Vasconcellos, Maria Silva Prado Lessa, Roberto Bezerra de Menezes e Vilma Arêas. Seus estudos são introduzidos por um poema que Sena dedica a Sophia, ou antes, em que a interpela: “Filhos e versos, como os dás ao mundo?”.

A última seção do livro se abre como aquela Creta “onde o Minotauro reina” e toma café com poetas cúmplices. “Em Creta, com o Minotauro, / por onde andamos, Sophia!”, pergunta Sena num espanto que é admiração, alegria por mais uma (e várias) companhias com quem haverá de “tomar em paz o [seu] café”. Os textos que assim se anunciam recordam os poetas em seu vivo diálogo e tão literária amizade, tecida, em vida e mais uma vez agora, com pala-

bras, e convida ainda outros poetas a esse convívio em versos. Sobre essas relações próximas e ampliadas escrevem Ana Luisa Amaral, António Carlos Cortez, Jorge Fernandes da Silveira, Jorge Vicente Valentim, Maria Otilia Pereira Lage, Mônica Simas, Rafaela Cardenal, Rui Pedro Vau, Silvana Maria Pessôa de Oliveira, Sofia de Sousa Silva e Susana Antunes.

Os ensaios desses muitos pesquisadores, convocados em aglomeração salutar, são estreitados pelo abraço dos poemas que abrem e fecham o volume, completando a transcrição de todos os versos que Sena e Sophia dedicaram um ao outro, mais uma realização feliz do livro. Sophia escreve “Carta(s) a Jorge de Sena”, para o grande amigo com quem tanto partilhou e por quem tanto esperou; Sena glosa um verso da grande amiga Sophia para aprender (afinal) a liberdade. Nas palavras trocadas permanecem unidos num encontro afetoso, como estão sob a insígnia daquele “S” gravado na capa. “S” de Sena e de Sophia, acaso feito signo, assinalando um elo em curva espiralada, a alinhar diferenças e semelhanças nestes centenários de vidas tão poeticamente aliadas, em aliteração. Enlace que esse livro lança mais além.

**RECEBIDO:** 28/05/2021 **APROVADO:** 11/06/2021

### **MINICURRÍCULO**

Mônica Genelhu Fagundes é Professora Associada de Literatura Portuguesa na Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde foi também professora substituta de Literatura Portuguesa e de Teoria Literária e Literatura Comparada. Sua área de investigação são os estudos interartes, especialmente os diálogos entre a literatura e as artes visuais, na Literatura Portuguesa moderna e contemporânea. É doutora em Ciência da Literatura (Literatura Comparada) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.